



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1454

O “BANQUETE DOS MORTÍCOLAS”: REFLEXÕES SOBRE A DESCONFIANÇA, O MEDO E A AVERSÃO ÀS PRÁTICAS MÉDICAS EM *G.C.P.A.*, DE GASTÃO CRULS

Andressa Marzani

Mestranda em História Cultural (UFSC)

Introdução

O presente estudo tem por objetivo propor reflexões sobre as percepções negativas das práticas médicas no contexto brasileiro de início do século XX, a partir do conto *G.C.P.A.*, de Gastão Cruls. Tendo por base as discussões entre a relação entre História e Literatura, pensadas a partir das proposições do teórico inglês Raymond Williams, o estudo tem por objetivo apreender as reações suscitadas pelo desenvolvimento tecnológico e científico – com enfoque na Medicina –, repensando em como suas descobertas e aplicações geraram sentimentos como desconfiança e medo.

A história de um possível futuro

A virada do século XIX para o XX foi marcada por modificações no cenário ocidental em níveis econômicos, sociais e culturais nunca antes experimentados. Essas mudanças foram estimuladas pelos debates ideológicos do Século das Luzes, e, principalmente, por uma nova dinâmica na economia internacional. Tendo seu primeiro impulso com a Revolução Industrial, por volta de 1780, e ganhando força com a chamada Segunda Revolução Industrial ou Revolução Científico-Tecnológica, maturada entre os anos de 1850 a 1870, essas transformações modificaram a vida humana em diversos níveis, afetando desde os hábitos cotidianos, até as crenças e reflexos instintivos (SEVCENKO, 1998, p. 7-8).

Para Sevcenko, essa segunda etapa foi marcada por uma complexidade, configurando um passo além de um simples desdobramento da Revolução Industrial. Através da aplicação das descobertas científicas, a Segunda Revolução ampliou os horizontes da construção humana, com a manipulação de novos potenciais energéticos e o surgimento de diversas áreas de exploração industrial. Foi um salto em termos quantitativos e qualitativos, que viram o

florescimento de áreas de estudo como a bacteriologia, bioquímica e microbiologia, e tiveram impacto em aspectos tão díspares como o controle da natalidade e a conservação de alimentos.

Como demonstra Williams (2011), o próprio sentido de algumas palavras – entre elas *democracia*, *classe*, *arte*, *cultura* e também o termo *indústria* – transformou-se, adquirindo sua conotação “moderna”. Nesse sentido, a *indústria* passou de um atributo humano ou habilidade para designar todo um novo modo de produção. Sua utilização com inicial maiúscula indica uma instituição por si só. Nessa esteira, surgiram *industrial*, adjetivo próprio da instituição, e *industrialismo*, termo específico para um sistema completamente novo.

Em termos de reação a essas mudanças, dois movimentos podem ser observados, às vezes concomitantemente. Em determinada direção, a ideia de progresso sem limites tomava forma, implicando na – como discutiremos adiante – falsa ideia de conforto material, estabilidade e paz. A avultada industrialização, somada a um período de crescimento econômico geral e relativa estabilidade política internacional (pelo menos europeia) possibilitou o otimismo no progresso tecnológico e científico. Estava inaugurada a *era da ciência*: o “triumfo de uma certa modernidade que não podia esperar”, marcada pela velocidade, pelo desbravamento de fronteiras, pela superação de barreiras – as certezas da *Belle Époque* que marcavam presença (COSTA; SCHWARCZ, 2002, p. 9).

Datam desse contexto o surgimento de novas correntes de pensamento, denominadas científicas. Exemplo emblemático é o positivismo francês. Elaborada por Auguste Comte (1798-1857), a corrente positivista previa a inexorabilidade do progresso tecnológico e científico, o que possibilitaria uma forma de organização social mais orgânica e igualitária. A influência do impacto do desenvolvimento industrial nessas correntes é clara.

Refletindo sobre as implicações tecnológicas em níveis mais gerais de percepção e imaginário a partir da figura emblemática da ferrovia, Francisco Foot Hardman afirma que “[...] o século XIX reagia, entre indignação, espanto e encantamento, às criaturas saídas do moderno sistema de fábrica” (HARDMAN, 1991, p. 24). Utilizando-se da palavra “fantasmagoria” para demonstrar as significações que tiveram essas mudanças, Hardman se apropria de um termo de início estritamente ótico, que, contudo, passou a denominar uma ilusão em termos histórico-sociais. As transformações implicaram na perda dos referenciais sobre os quais a sociedade estava assentada; tudo se tornava instável, *fantasmagórico*. Esta era a outra direção tomada, a da dúvida. Nessas novas relações com a técnica, coexistiam um misto de fascínio e desconfiança ou mesmo aversão às consequências da ciência.

“Tudo que é sólido e estável se volatiliza”, frase de Karl Marx e Friedrich Engels (MARX; ENGELS *apud* HARDMAN, *id.*, p. 27) ilustra bem a sensação de *estar sem chão*, que o advento da modernidade representou: a sensação provocada pelo impacto das mudanças nas diversas esferas, o choque entre culturas tradicionais e as imposições de uma moderna sociedade industrial, os rompimentos e conflitos entre os valores materiais e espirituais.

A Revolução Científico-Tecnológica também veio marcar a consolidação do capitalismo em escala global. O aumento da produção, a busca por matérias-primas para a produção e locais de escoamento para os novos produtos impulsionaram os fenômenos do imperialismo e neocolonialismo. Estes significaram não apenas a exploração de territórios ainda não alcançados, como partes da África e Ásia, como também o reestabelecimento dos vínculos com locais de passado colonial.

Como resultado, houve um avanço industrial sobre as sociedades tradicionais, o que acabou por modificar o modo de vida das populações locais. Desestabilizadas em suas estruturas, seus costumes e culturas, muitas viram a irrupção de revoltas e levantes durante boa parte do século XIX e o início do XX. Aliados a esses fatores, devem ser considerados o ambiente inóspito dos primeiros anos de trabalho fabril, as muitas horas de jornada diária de trabalho, a morte cotidiana de milhares de trabalhadores, a migração do campo para a cidade, o inchaço urbano, as péssimas condições sanitárias, entre outros.

Para Hardman, até mesmo o conceito de uma Revolução Industrial linear e cumulativa é questionável. Ao invés disso, teria ocorrido a superposição de diferentes estados econômicos, em que as estruturas agrárias arcaicas conviviam contraditoriamente com o cosmopolitismo das grandes cidades. Não se pode pensar em outros termos para a situação brasileira, em que o arcaísmo de um país recém-saído de seu passado colonial convivia com as novidades tecnológicas, implantadas (e impostas) de fora.

No contexto brasileiro, a passagem do século foi marcada por diversas mudanças. Com a Proclamação da República, uma nova dinâmica econômica transformou a elite cafeeira na principal peça de movimentação política do país. Esse grupo, de acordo com Sevcenko (*op.cit.*, p. 15), dividia espaço no poder com grupos como os elementos de uma nascente burguesia industrial do Rio e de São Paulo, profissionais liberais e grupos ligados ao Exército – muitos dos quais com forte inspiração do racionalismo cientificista.

Dentro dessa configuração, o país vivenciava transformações em escala acelerada. Desde meados do século XIX, levas de imigrantes europeus vieram para o Brasil em busca de melhores condições. Concentrados nas regiões Sul e Sudeste, esses grupos passaram a

conviver – e disputar espaço dentro das novas configurações de trabalho – com antigos escravos e seus descendentes, populações essas que acabaram marginalizadas no processo de industrialização e urbanização cada vez maior.

Essas transformações econômicas e políticas implicaram, do mesmo modo, na flutuação das taxas cambiais, encarecendo as vidas nos grandes centros e dificultando o acesso das populações mais pobres a itens de sobrevivência básica. Segundo Bosi, a vida pública brasileira era marcada “de um lado, [por] arranjos políticos manejados pelas oligarquias rurais; de outro, [pelos] novos estratos socioeconômicos que o poder oficial não representava” (BOSI, 2006, p. 342). O tradicionalismo do mundo arcaico convivía com o cosmopolitismo da urbe, em que visões diferentes geravam conflitos e tensões diversos.

A relativa estabilização do cenário político brasileiro no início do século XX, com a transição dos governos militares para os civis e o estabelecimento da “política dos governadores”, que dominaria de maneira quase inalterada o andamento político e econômico do país até 1930, não mudou de maneira substancial a vida das massas. Nem mesmo alterou o modo como as elites com elas se relacionavam. Frente a esse quadro singular situou-se o intelectual brasileiro do início do século XX, que em muitos casos exprimiu e problematizou em seus escritos as questões de seu tempo – de maneira especial na literatura.

Nossa literatura “moderniza-se”

As duas primeiras décadas do século XX costumam ser denominadas pela crítica literária, de maneira geral, como Pré-Modernismo. Este termo está tensionado no período intervalar compreendido pelo desaparecimento da Geração de 1870, e pelo enfraquecimento das correntes Parnasiana e Simbolista, de um lado; e a eclosão do movimento modernista em 1922, de outro. O supracitado Alfredo Bosi considera pré-moderno tudo o que, nas primeiras décadas do século XX, problematiza a realidade social e cultural do país (BOSI, *op. cit.*, p. 307).

Para Monica Pimenta Velloso (2003), contudo, esse processo é bem mais complexo. A autora entende o modernismo como um processo contínuo, que vai desencadeando outros ao longo do tempo e do espaço. Nesse sentido, Velloso propõe um novo olhar para o significado de Modernismo, entendido em seus termos de simultaneidade, pluralidade e continuidade.

Se for repensada a partir de suas proposições, sua preocupação com os problemas nacionais e seu engajamento com as questões sociais, a chamada “Geração de 1870”

(Euclides da Cunha, Tobias Barreto, Graça Aranha, Capistrano de Abreu e Silvio Romero) também pode ser considerada modernista. Sinais de uma modernidade já vinham, então, despontando. “É nítida nessa geração a mudança da percepção e sensibilidades sociais traduzidas no anseio de mudanças no mundo da política” (VELLOSO, *id.*, p. 354).

Até mesmo o resgate do folclore e dos contos populares, tão caro a modernistas como Mário de Andrade, viu em Silvio Romero um dos primeiros expoentes. É certo que essa geração guarda suas especificidades frente ao grupo de 1922. Consideravam a nacionalidade como uma matéria-prima ainda a ser trabalhada pelo saber científico das elites intelectuais, ainda marcadas pelas ideias de progresso próprias do final do século XIX. Mas, se em um primeiro momento, havia uma discussão por vezes “envergonhada” ou mesmo autoritária sobre o país, ela não deixava de ser, contudo, uma tentativa de compreensão dos diversos tipos brasileiros, com destaque para a questão da mestiçagem.

Assim sendo, podemos questionar a utilização de termos como “pré(s)” e “vazio”, normalmente encontrados na historiografia literária, que acabam por reforçar a data de 1922 como marco. Não se trata, nesse sentido, de negar a influência deste, mas sim de relativizá-lo. E é nesse sentido que a autora traça um percurso que recupera ações paralelas, mas de igual importância: a fundação de diversas revistas literárias em estados como Minas Gerais, o primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, organizado por Gilberto Freyre em 1926, e a importância da cultura boêmia da então capital federal, bem como das charges e caricaturas das revistas ilustradas, que se utilizavam da ironia para discutir os problemas sociais e políticos.

Há, deste modo, uma movimentação cultural mais ampla, que visava dar vazão às vicissitudes e questionamentos dos novos tempos. Em uma sociedade marcada pela exclusão, tratava-se de entender esses mecanismos excludentes, e buscar os elementos mais representativos de nossa cultura. A própria função do intelectual se via questionada.

É nesse sentido que deve ser reavaliado o termo “modernista”, reconsiderado não só em seu caráter de movimento artístico, mas em sua relação com a dinâmica do cotidiano na urbe, construída também em seus espaços informais e diversidade de expressões. Por isso, o entendimento do período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e 1922 não como um intervalo à espera da renovação, mas por uma “cultura do modernismo” (VELLOSO, *id.*, p. 360), que reconsidera os movimentos antecedentes da Semana de Arte Moderna como partes do mesmo processo, reelaborado ao longo dos anos.

Um médico no fantástico mundo das letras

Nesse sentido, dando continuidade às discussões sobre o “Pré-modernismo” trazidas por Velloso, repensamos as formas de criação geralmente desconsideradas pela grande crítica, caso da literatura fantástica, da ficção científica e afins. Preocupado em tentar entender os primórdios desse tipo de produção no país, bem como os prováveis motivos de seu insucesso, Alexander Meireles da Silva (2008) repensa as categorias em sua relação com a produção externa, e propõe a divisão de duas fases: uma própria da *Belle Époque* (1898-1914), produção alicerçada em raízes góticas – e por isso denominada de Ciência Gótica; e outra do período entre guerras (1914-1930), que refletiu sobre as transformações de diversas ordens ocorridas nesse contexto, e foi marcada pela suplantação, como na Inglaterra, das utopias para as distopias literárias – ficando por isso conhecida como Literatura de Distopia.

De acordo com o autor, esse tipo de ficção não encontrou no Brasil o mesmo espaço que suas congêneres americana e inglesa, fato talvez propiciado pela introdução tardia da indústria livreira e do hábito de leitura, que não teria dado tempo para a consolidação de um público leitor. Tal público viria a encontrar posteriormente na produção televisiva (principalmente de novelas) sua obra maior. Também a preferência do cânone da literatura brasileira pelo documental, pela atenção ao real, acabou por influenciar também os escritores – o que, aliado a falta de um público leitor de massa, prejudicou a sedimentação de um mercado consumidor. Nesse sentido, a própria escolha do Modernismo de 1922 como ponto chave pela historiografia literária teria auxiliado nesse processo.

O segundo momento estudado por Silva nos interessa particularmente. Para o autor, um dos expoentes brasileiros desse gênero ficcional seria Gastão Cruls. Esse autor nasceu no Rio de Janeiro, em 1888. Era filho do cientista belga Luís Cruls, autor de *Planalto central do Brasil*. Ingressou no curso de Medicina em 1905. Ainda estudante, Cruls entrou para a Assistência Pública como auxiliar-acadêmico, permanecendo no estabelecimento até 1921, onde exerceu também as funções de subcomissário e comissário médico. Formou-se em Medicina em 1910, como médico sanitarista.

Acabou se desiludindo com a carreira, e foi progressivamente abandonando as funções clínicas, ficando por fim responsável apenas pelas atividades administrativas correlatas. Paralelamente, seu envolvimento com a literatura foi crescendo até que, em 1926, o autor deixou totalmente outras atividades de lado (IACHTECHEN, 2008, p. 79). Seus primeiros contos surgiram entre 1914 e 1915, com algumas publicações na *Revista do Brasil* de

Monteiro Lobato, sob o pseudônimo Sérgio Espínola. Estes contos iriam mais tarde integrar seu livro de estreia, *Coivara* (1920).

Começou a frequentar tardiamente os círculos literários, dada sua profissão. No entanto, ao longo de sua carreira literária manteve contato com nomes como Alberto Rangel, Antônio Torres, Gilberto Amado, Monteiro Lobato e Rachel de Queiróz (MENEZES, 1969, p. 411). Desde seus primeiros contos, sua escrita apresenta vestígios de suas experiências como médico. Em alguns casos, como nos contos de *Ao embalo da rede* (1923), Gastão Cruls utiliza-se de cenas que presenciou na Paraíba do Norte, enquanto médico sanitário da Comissão de Saneamento Rural. Em outros, transparecem alguns motivos que o levaram a abandonar a carreira, como a desilusão com a capacidade de cura da Medicina, ou o caráter antiético que a ciência porventura assumia.

Foi com *A Amazônia misteriosa*, obra lançada em 1925, que Cruls recebeu maior reconhecimento. Publicou ainda outros romances e livros de contos: *Elsa e Helena* (1927), *A criação e o criador* (1928), *História puxa história* (1938), *Aparência do Rio de Janeiro* (1947), entre outros. Além disso, o autor participou de algumas expedições para a Amazônia, relatadas nos livros *A Amazônia que eu vi* (1930) e *Hiléia amazônica* (1944). Faleceu em 5 de junho de 1959, aos 71 anos.

De acordo com Otto Maria Carpeaux, Gastão Cruls seria um escritor pré-modernista, apesar de ter escrito quase toda a sua obra sob a vigência do Modernismo (CARPEAUX *apud* MOISÉS; PAES, 1967, p. 83). A essa denominação retornaremos mais tarde. Para o presente estudo, foi selecionado um conto de Cruls, que transita entre o fantástico e a literatura de distopia: “G.C.P.A.”, do livro *Coivara* (1920).

G.C.P.A.

A narrativa conta a história de Silvino, enfermeiro de uma clínica onde o Professor Rodrigues atuava, em conjunto com seus residentes. Silvino, jovem do interior de Minas, parecia satisfeito com seu trabalho, quando uma doença inexplicável o acometera. Internado em seu próprio local de trabalho, passa então a fazer intermináveis exames diários, com o fim de se lhe descobrirem sua moléstia.

Nesse processo, acaba virando objeto de estudo do Professor e seus assistentes, mais um dos casos interessantes com que, nas terças e sextas, o mestre iria palestrar para seus

aprendizes. Antes o mais prestimoso auxiliar da clínica, Silvino vai aos poucos se mostrando desconfiado, ante sua crescente piora de saúde.

Diagnosticado com uma doença rara, vira alvo principal dos interesses científicos de uma tese do Professor Rodrigues. Narrado com ironia, em que se percebe a prolixidade do médico e seu discurso em termos de difícil compreensão, os exageros de um médico mais preocupado com sua pesquisa do que com a saúde do paciente vão sendo delineados. A situação chega ao tragicômico, numa cena em que o médico comenta – em meio à exibição de partes retiradas de outros doentes e conservadas para estudo – pormenores da doença aos seus alunos na frente do paciente.

Para sua doença, ainda não havia cura; o paciente se desesperava. No entanto, tal fato parecia não ser notado pelo médico, que seguia entusiasmado com o caso ímpar para sua pesquisa. Os alunos pareciam igualmente extasiados pelas lições do mestre e possibilidades de aprendizagem com a ciência: nenhuma “palavra acariciativa ou tranqüilizadora” (CRULS, *id.*, p. 37) fora dirigida ao doente.

Nesse ambiente inóspito, seres humanos viravam números a serem visitados e tratados em horários específicos, em uma pressa próxima ao ritmo de trabalho fabril. O ápice do desespero, para Silvino, chega quando ele percebe uma anotação ao seu prontuário: a “sinistra, almenara da morte” sigla “G.C.P.A”, que em linguagem corrente da clínica – a qual o paciente estava familiarizado – significava “guarde o cadáver para autópsia” (*id.*, p. 38).

O procedimento da anotação era tomado em precaução à possível reclamação dos parentes e amigos do morto, para que um ou outro cadáver não saísse do lugar sem a devida examinação póstuma. Isso se dava especialmente em casos de doenças raras ou de diagnósticos obscuros. A decepção de Silvino foi grande, ao perceber que o zelo a ele dispensado por alguns estudantes “[...] não passava de um zêlo farisaico de mortícolas, escondendo curiosidades científicas diante de um caso raro e concupiscível” (CRULS, *id.*, p. 39).

Comparando esse último ato a uma “carneada”, um verdadeiro matadouro, e prevendo a morte próxima, Silvino resolve por fim à vida. Não daria o prazer de ver a tese do professor engrandecida pelas observações sobre seu cadáver. “Pois perdido por perdido, êle mesmo daria fim às suas desgraças, contanto que os seus despojos se vissem poupados à sanha dos bisturis perscrutadores” (CRULS, *id.*, p. 40). Para por em prática o plano, lança-se a uma fuga ao anoitecer, ajudado pelo uniforme de enfermeiro que ainda portava.

Apesar das dificuldades da doença, consegue chegar à beira do mar, e, “saboreando os efeitos de uma vingança que êle mesmo não gozaria” (*id.*, p. 42), Silvino se joga em meio às pedras do mar de Niterói. Entretanto, três dias depois, já deformado pela morte, seu corpo retorna à praia, e

[...] o futuro mortícola, feliz na inconsciência do seu crime, farejando a prêsca com volúpias de carnífice, lá foi desviscerá-lo sôbre a mesa de autópsias, na ânsia de encontrar a absconsa lesão que lhe desse à tese o cunho de interesse e originalidade (CRULS, *id.*, p. 43)

Preocupado com a síntese de uma teoria literária marxista, Raymond Williams (1988) reformula as proposições dos estudos culturais dentro de uma teoria materialista, a partir da relação entre a superestrutura e a infraestrutura. Numa conceituação mais ortodoxa, a cultura – e a produção literária, por consequência – estaria localizada em nível superestrutural, e subordinada às forças e relações de produção da infraestrutura. Williams, no entanto, ao reconsiderar os significados que termos como *cultura*, *sociedade* e *economia* ganharam ao longo do tempo, percebeu ser impossível dissociar o fazer cultural de seus correspondentes sociais e econômicos.

Como já vimos, a palavra *cultura* teve seu significado modificado ao longo de dois séculos. Destarte, seu significado atual – mais próximo a uma conceituação antropológica – nos permite entender a cultura não como um elemento apenas dependente de uma base material, mas como um aspecto importante na constituição social. Considerada nessas novas relações, a cultura não só reflete ou problematiza os elementos próprios da vida econômica ou social, mas também influi diretamente sobre eles.

Ampliando o conceito de determinação, outrora utilizado na teoria marxista apenas para entendimento da economia, Williams reformula esse em termos de uma ideia geral de sociedade como um processo de forças múltiplas, que agem sobre as escolhas individuais. Nesse sentido, a própria cultura seria uma força produtiva que também exerce pressão sobre a constituição do próprio ser e da sociedade em si.

Repensado nesses termos, Gastão Cruls pode ser compreendido como um intelectual que, por ter sido médico e experienciado as vicissitudes, problemas e questionamentos próprios de sua vivência profissional, pode trazer à criação literária seu universo particular. Universo que, contudo, não está dissociado de um ambiente geral de desconfianças, medos e

mesmo aversão, próprios, como visto, do momento subsequente à Revolução Industrial e suas consequências.

Nesse sentido, o conto “G.C.P.A.” problematiza a parcela mais desconfiada e mais temerosa com relação aos avanços da ciência: os limites dos experimentos e pesquisa em que o cuidado com o paciente e a cura não é a mais a preocupação, quiçá são causas para a finalidade última: as descobertas proporcionadas pela ciência, e suas possíveis consequências em termos de conquistas intelectuais. O próprio fazer intelectual está sendo questionado, a partir da figura do Prof. Rodrigues, cuja quase exclusiva preocupação seria o desenvolvimento de sua tese – característica refletida em vários de seus seguidores estudantes.

Esse conto poderia, em seus limites, ser distendido como um conto próprio da literatura distópica, visto algumas recorrências de elementos comuns no que Alexander Meireles da Silva (SILVA, *op.cit.*, p. 68) conceituou como fórmulas fixas desse gênero. Entre elas, a narrativa que não parte mais de uma viagem a um mundo desconhecido (como nas utopias), mas já insere o indivíduo nesse *mundo estranho*, como naturalizado. Embora aqui a conceituação possa ultrapassar algumas barreiras em prol de uma tentativa de entendimento, vale ressaltar outros elementos que poderiam prefigurar o conto como distópico.

Além de já estar inserido no meio, o indivíduo narrado aparece realçando a relação hierárquica entre opressor e oprimido. Silvino inicia na narrativa plenamente adaptado ao ambiente. A partir do momento em que fica doente, e passa a ser examinado diariamente, quase como um rato de laboratório, fica perceptível a relação de opressão. Silvino experimenta então a sensação de alienação do mundo, vivenciada por sua fuga imaginária à terra da infância:

Ao se lhe deparar aquela amostra de paisagem, Silvino entreteve-se, numa rápida e saudosa visão interior, de alguns quadros da sua vida de outrora, quando, despreocupado e feliz, gastava os dias na labuta da terra, em uma distante fazenda de Minas... (*id.*, p. 36)

Sua reação subsequente, quando persegue as engrenagens do mecanismo que o fariam ser autopsiado após a morte, é a de tentar subverter a ordem – em consonância com a lógica da conceituação distópica. Nesse caso, sua atitude é a de tirar a própria vida, de uma forma que impossibilite a autópsia, e por consequência a tese. Sua única chance é a fuga para o mar próximo, de onde poderá se jogar – e, acredita, de onde ninguém vai tirá-lo. Contudo, como

demonstra Alexander Meireles da Silva, os mecanismos da narrativa distópica impossibilitam o sucesso da empreitada, à semelhança do final de *1984*, de George Orwell (1944), em que não há escapatória porque “nesse tipo de construção, o exilado não poderia vencer” (WILLIAMS, 2011, p. 319).

Nesse sentido, flexionando os limites de gênero textual, ao considerar o conto distópico problematizamos sua possível mensagem: dentro do progresso sem limites apregoado pelo racionalismo cientificista, haveria poucas chances de escapatória. Até mesmo Castro, o interno mais atencioso, pareceu, à primeira oportunidade, estar somente interessado nas possibilidades que o corpo moribundo oferecia. Não só foi ele quem marcou a sigla no prontuário do doente, como foi quem acabou realizando a autópsia, alheado do desespero e da morte trágica do enfermeiro.

Nesses limites, percebemos o posicionamento de Gastão Cruls frente aos problemas apresentados pelo desenvolvimento por vezes conturbado das práticas médicas: a impossibilidade de continuar – nesse caso, a impossibilidade de seguir com a profissão, de se relacionar com ela. Nesses termos, o ambiente cultural com que tinha contato, suas discussões – que também envolviam discussões sobre a nacionalidade – influenciaram o autor não só na escrita diretamente, mas em seu próprio modo de ver o mundo.

Mesmo que a narrativa de “G.C.P.A.” não apresente elementos que discutam diretamente o que vem a ser a brasilidade, sua situação em ambiente nacional e seus personagens também problematizam esse novo Brasil. Silvino é uma figura própria da contradição entre o desenvolvimento urbano e o arcaísmo rural: vindo do interior de Minas, se adapta às novas condições de trabalho na urbe até determinado momento; no entanto, são às suas origens tradicionais que recorre, mesmo em pensamento, quando a fragilidade da estrutura social e de suas relações humanas em que vive vem à tona.

E, nesse sentido, refletindo sobre as características do exercer da ciência – em especial da Medicina – nas primeiras décadas do século XX, o autor vai trazer a um mundo alheio, cultural (o do fazer literário), os problemas próprios das contradições entre um mundo de mudanças aceleradas, que tinham no Brasil uma de suas expressões mais contraditórias.

Considerações finais

Observando as características do “lugar social” de onde fala Gastão Cruls, percebemos a crítica feita por determinados estratos da elite intelectual ao racionalismo cientificista sem

limites, observando o lado por vezes ilógico, irracional e mesmo perigoso da ciência. Articulando a uma elite intelectual que, no fervilhar das mudanças do início do século no Brasil, em especial na década de 1920, questionava os postulados de verdade das elites econômicas e políticas dominantes, mais ligadas a uma racionalização positivista, percebemos como o autor se insere no contexto de debates do período.

Embora sem estar ligado diretamente a uma das correntes do modernismo, Gastão Cruls estava inserindo em uma “cultura do modernismo”, nos termos de Monica Pimenta Velloso. Articulando também a discussão às novas proposições feitas por Williams, podemos repensar o autor e sua obra como fontes privilegiadas para a compreensão das relações entre cultura e sociedade, a partir das reflexões trazidas por Gastão Cruls quanto aos limites da ciência, em especial com relação à ética médica, as desconfianças, medos e aversão que esta poderia causar, sua possível desumanização. Esta fala não encerra o problema; pelo contrário, abre novas possibilidades de estudo, como a reflexão sobre o sentido inverso que tais obras literárias teriam tido nas discussões internas sobre a ciência, ou sua possível influência sobre as discussões de brasilidade feitas pelos modernistas “oficiais”.

Referências:

- BOSI, Alfredo. Pré-modernismo e modernismo. In: _____. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 303-382.
- COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CRULS, Gastão. **Contos reunidos**. São Paulo: José Olympio Editora, 1951.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- IACHTECHEN, Fabio Luciano. O discurso eugênico através da literatura: impressões sobre o início do século XX. In: GRUNER, Clovis; DENIPOTI, Claudio (Org.). **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. pp. 77-103.
- MENEZES, Raimundo de. Verbete “Gastão Luís Cruls”. In: _____. **Dicionário literário brasileiro ilustrado**. Vol. II. São Paulo: Edição Saraiva, 1969. p. 411-412.
- MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo (Orgs.). Verbete “Gastão Luís Cruls”. In: _____. **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1967. p. 83.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-37.

SILVA, Alexander Meireles. **O admirável mundo novo da República Velha**: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX. 2008. 193f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura/ Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 353-386.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell; trad. Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Ediciones Península, 1988.